

O continente dos carés

Luzi Lene Flores Prompt
PUCRS

Entremeando as subdivisões de “*O Sobrado*” a outras seções da obra literária que também fazem parte d’*O continente*,¹ alguns textos em itálico são empregados para criar, além de uma história periférica, também uma espécie de moldura. Isso se justifica porque, em termos temporais, essas narrativas são curtas, enquanto as outras abrangem um período de muitos anos. As partes assim grifadas dão conta de personagens que integram o pano de fundo da história principal e da História que lhe serve de referente, da qual fornecem uma versão popular. Além de contemplar os acontecimentos históricos intermediários, resumindo os fatos principais, tais textos, segundo Regina Zilberman, ainda desempenham outras funções:

oportunizam a emergência de uma personagem coletiva, que reage lírica ou dramaticamente, conforme a circunstância, aos eventos mais importantes, não calando perante os efeitos devastadores das inúmeras guerras e conflitos armados por que passou a Província e que sacrificaram sua população. E narram a trajetória dos Carés, que representam o ângulo popular da formação social do Rio Grande do Sul e que, assim como têm papel periférico na luta pelo poder, ocupam um lugar até certo ponto marginal no todo do romance (1986, p.72).

Os segmentos em destaque também constituem histórias fechadas, com início, meio e fim, ao molde dos episódios da narrativa principal e, mesmo assim, representam um limiar em relação a essa

¹ VERISSIMO, Erico. *O continente*. In: _____. *O tempo e o vento*. Porto Alegre: Globo, 1974. 2 v. Todas as citações serão retiradas dessa edição.

(se assim considerarmos a história dos Terra-Cambarás), pois esclarecem pontos que não são explicados nela. Assim, o espaço no qual a ação ocorre torna-se mais abrangente, pois o narrador acompanha as personagens em outros países, em outro estado, em outras cidades, mas mantém como centro do enredamento das histórias individuais de cada personagem o Continente, ou seja, a província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

O primeiro segmento trata dos imigrantes açorianos e de Chico Rodrigues, o qual está inicialmente em Laguna. O segundo fala dos Carés e dos imigrantes alemães, que vão fixar-se em São Leopoldo. No terceiro, D. Picucha Terra narra sua versão da Revolução Farroupilha. O quarto, novamente, trata dos Carés, e os dois subseqüentes, de Fandango e de Maneco Lírio.

Dessa forma, o segundo interlúdio lírico inicia em uma noite de abril, no espaço fechado de uma casa, onde um homem anota as observações feitas durante o dia: "*Noite de abril. À luz duma vela, na casa onde se hospeda, o botânico francês toma uma nota em seu diário de viagem*" (Verissimo, 1974, p.153). Essa personagem, da qual o narrador assume o ponto de vista espaço-temporal, caracteriza-se como estrangeira ("francês") e viajante ("diário de viagem"). O olhar estrangeiro mais uma vez se institui como observador do espaço-geográfico e social do Continente. As notas do diário dissertam sobre outro tipo de habitante do espaço riograndense, "*os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada*" (Verissimo, 1974, p.153), dos miseráveis dos quais são representantes os Carés:

Alguns haviam nascido de chinãs ou bugras (...)
Outros eram sobras de antigas bandeiras,
Retirantes da Colônia do Sacramento
escravos foragidos,
desertores do Regimento de Dragões,
castelhanos vindos do outro lado do Uruguai, das planuras
platinas: gente andarenga sem pouso certo,
mamelucos, curibocas, cafuzos, portugueses, espanhóis,
Alguns carregavam suas fêmeas e crias, mas em geral andavam
sozinhos.
E eram mais miseráveis que os bugres.
Ali vai um desses.
Como é teu nome?
João Caré (p.154).

Esses errantes são determinados pela relação com o espaço de origem: "retirantes"; "foragidos", "desertores", "vindos do outro lado", "gente andarenga", "sem pouso certo". Os verbos que caracterizam esses tipos também determinam sua forma de relação com o espaço: "alguns carregavam sua fêmeas e crias", "andavam sozinhos".

Das anotações do diário do francês, texto intradieético, o narrador se institui novamente como condutor da narrativa com o "ali vai um desses". Com a pergunta "como é teu nome", começa o diálogo com um dos Carés. O narrador pergunta e João Caré responde com respostas vagas por não saber de sua origem:

Como é teu nome?

João Caré.

Onde nasceste?

Não sei. Acho que cresci do chão como erva ruim que ninguém plantou.

Tua mãe?

Morreu.

Teu pai?

Nem ela sabia.

Tens pele de mouro, mas donde tiraste esses olhos esverdeados?

Nunca vi meus olhos (p.154).

João Caré considera-se um componente da terra do Continente: "cresci do chão", mas não é um componente bom, pois ninguém o plantara. Sua origem, provavelmente, indígena ou espanhola ("pele de mouro") misturada com imigrante ("olhos esverdeados"), nem a mãe sabia. João anda sozinho, sem sapatos, quase sem roupas e, se tem fome, mastiga raízes. Se um dia "se junta com uma china", a "*única coisa que plantam na terra que não lhes pertence são os filhos que morrem*" (p.154). Quando João chega a Rio Pardo, entrega uma das filhas para um negociante e, assim, nasce Mingote Caré.

A quarta parte, pertencente ao segundo volume, refere-se de novo aos Carés do Continente e explica como Chiru Caré torna-se residente no Angico, fazenda dos Terra-Cambarás, aos quais chega a se sentir como um igual, ao lutar na Guerra do Paraguai. O segmento inicia com o sonho de Mingote Caré de ter um cavalo. Um dia, rouba um desses animais, mas é descoberto, o dono da estância manda açoitá-lo e marcar o "lombo" do ladrão, para que aprenda a respeitar a propriedade alheia:

Mingote foi atirado na estrada como uma rês.
Saiu a andar estonteado (...).

Por fim caiu sem forças no chão numa estância portentosa que começava em Bagé e entrava Uruguai adentro: diziam que o dono dela podia ir de sua casa até Montevideu sem sair de suas terras.
Esse foi o fim de Mingote, mas não o de sua raça.

Porque havia outros Carés espalhados pelo Continente (p.460).

O narrador não se limita a destacar o ambiente onde se desenrola a ação. Assume o posicionamento espaço-temporal de Mingote, mas usa no plano fraseológico o ponto de vista do estancieiro, para mostrar os Carés sendo tratados como animais, valendo-se do vocábulo “lombo”. Igualmente, o termo “rês” ainda sugere um animal indeterminado: Mingote fora jogado como qualquer quadrúpede. Ao assumir o ponto de vista fraseológico do estancieiro, o narrador dissimula seu próprio ponto de vista e mostra como os poderosos terratenentes desconsideravam esses errantes representados na narrativa pelos Carés.

Mingote, por ironia, cai sem forças justo numa estância que se estende espacialmente além das fronteiras do Continente, configurando a injustiça sócio-econômica da região. Mas os Carés são muitos e estão “espalhados” pelo amplo espaço do pampa, como confirma Juca Feio, outro Caré que tinha a cara “riscada” de cicatrizes:

Perguntavam.

Me diga uma coisa Juca, onde foi que te deram esse talho que te vai de orelha a orelha, cheio de voltas que nem o Rio Camaquã?

No combate do Poncho Verde.

E esse nos beijos?

Na tomada de Caçapava.

E esse no meio da testa?

A baioneta dum correntino, na guerra contra Rosas.

E esse no pescoço?

Juca Feio fechava a carranca e rosnava

Esse é um talho particular.

E não dizia mais nada (p.461).

O verbo “perguntar” introduz o diálogo expresso através do discurso direto e a indeterminação do sujeito da frase, cujo verbo está na terceira pessoa do plural, acrescenta à narrativa uma personagem

coletiva. A própria pergunta já indicia espacialidade nas cicatrizes de Juca através do advérbio interrogativo de lugar “onde”. O “talho de orelha a orelha, cheio de voltas” é comparado a um rio, levando a imaginar-se na face de Juca um mapa da região do rio Camaquã, no qual cada talho remete a um espaço diferente. Observa-se que o ponto de vista fraseológico assumido pelo narrador vai da personagem que pergunta para o da que está sendo indagada, eximindo o narrador de caracterizar o novo Caré por meio de observação e descrição. Nas respostas de Juca, os incidentes continentinos tornam-se partes das feições do Caré.

Após um espaço em branco maior entre as linhas, o narrador começa a falar de outro Caré, aquele tem a maior família de todos, o Chiru:

Dez filhos, sem contar os mortos.

Depois de andar com a mulher e as crias batendo estradas e cruzando invernadas, conseguiu licença para erguer um rancho nos campos do Angico, no município de Santa Fé (p.461).

Chiru não anda a vagar sozinho, leva mulher e filhos. Ao informar que tem dez filhos e explicitar “sem contar os mortos”, o narrador remete o leitor para a condição sócio-econômica do vagante. Chamando os filhos do casal de “crias”, outra vez expõe a condição quase animal dos Carés. Os familiares não andam, mas “batem estrada”, ou seja, repisam os caminhos por serem errantes, sem lugar para se fixar. Chiru consegue licença para erguer, não uma casa, mas seu “rancho” no Angico, em Santa Fé. A mudança de comportamento desse Caré, ao largar a vida de vagante para se fixar no Angico, explica a presença de uma Caré na narrativa principal, pois, da família de Chiru, procederá Ismália, amante de Licurgo Cambará.

Após ir morar na fazenda dos antepassados dessa personagem, Chiru é recrutado para a guerra: “*não ouviu direito contra quem, mas desconfiava que era outra vez contra os castelhanos*” (p.462). Ele gosta da guerra, descreve-a como uma festa: uniformes bonitos, cavalos, ruídos e o colorido do sangue pelo chão. Além disso, ouvira uma banda de músicos e ficara louco de contentamento ao matar o primeiro homem. Apesar de não entender a luta da qual participa, Chiru luta com gosto:

Uma coisa Chiru nunca entendeu:

Por que era que os argentinos e os orientais estavam agora do lado brasileiro?

Ficava também meio confuso quando conversava com os camaradas dos batalhões que vinham do Norte.
Eram homens de fala esquisita
de pouca comida mas muita coragem
bons na arma branca, ligeiros e ladinos.
Só não tinham era resistência para o frio (p.463).

A configuração espacial ao redor do Continente está expressa na origem dos companheiros de guerra de Chiru: argentinos, orientais, batalhões vindos do Norte. O espaço da ação não é citado, mas está implícito no clima: “não tinham era resistência para o frio”. O narrador continua o trecho acima informando que o inverno de 65 fora “brabo” e contando, através do ponto de vista espaço-temporal de Chiru, a escabrosidade da guerra: cólera, mil febres, insolação, etc. Durante esse período, Chiru encontra o sobrinho de Bibiana:

Um dia descobriu que seu companheiro de barraca era um tal de Florêncio Terra, natural de Santa Fé, sobrinho da velha Bibiana, dona do Angico e do Sobrado.
Mundo velho bem pequeno! (p.465).

O fato de encontrar, num lugar tão distante, um conhecido, alguém que mora no mesmo lugar que Chiru, influencia a concepção espacial revelada na frase “*Mundo velho bem pequeno*”, onde o advérbio “bem” intensifica o “pequeno”. Quando Florêncio é atingido no joelho, Chiru carrega-o nas costas até a trincheira. O moço agradece “*Obrigado, companheiro*”. Diante da admiração e do contentamento de Chiru, o narrador explica:

Foi por tudo isso que Chiru Caré gostou daquela campanha.
Na paz vivia como um bicho.
Na guerra era um homem (p.465).

Essa narrativa sobre os Carés expressa uma visão periférica, tanto da sociedade rural quanto da guerra, onde quem faz a história não são apenas os nomes que aparecem na historiografia oficial, mas também aqueles que são “atirados na estrada como rês”. Segundo D. Gonzalez (1995), essas partes em itálico propõem uma visão lateral sobre a população do Continente e de suas periferias. Elas não são totalmente independentes do resto do romance por sua substância mesma, e sim porque suas personagens anunciam aquelas que vão aparecer na narração principal, ou inversamente nos informam so-

bre a transformação de algumas que foram perdidas de vista. O autor, considerando a contribuição de tais narrativas à elaboração de um quadro espacial, assim as resume:

- José Borges e a imigração dos Açores; Chico Rodrigues (Cambará) e a fronteira;
- João Caré e a errância dos miseráveis; Willy e a colonização alemã (São Leopoldo);
- Dona Picucha Terra Fagundes, filha de Maneco Terra, de Rio Pardo, e suas narrativas da Guerra dos Farrapos envolvendo seu marido e seus filhos;
- Chiru Caré, sua sedenterização precária perto de Santa Fé e as guerras das quais participou;
- José Fandango e os percursos pastoris através do Continente;
- Maneco Lírio e sua nostalgia do Império, numa tarde de 1893 em Santa Fé.

Ainda segundo Gonzales, os *intermezzos* são um rápido olhar sobre o que não pode ser percebido simultaneamente. O Continente e seus limites são, assim, apresentados como um todo. Mesmo que Santa Fé pareça relativamente isolada, ela pertence a um conjunto no qual os elementos são interligados pelo fluxo migratório, comercial, das guerras, das viagens de informação ou de divertimento, e dos laços de família. Esse conjunto, de contornos imprecisos, está longe de ser impermeável aos acontecimentos do resto do Brasil e do mundo.

Na origem do texto sob análise, no século XVIII, a região das Missões jesuíticas é submetida a decisões que são tomadas além do oceano, em Portugal e na Espanha. Na primeira metade do século XIX, o espaço do Continente é marcado pelos conflitos de fronteira, os quais são reiterados pela chegada dos colonos, e depois por novas guerras com os vizinhos hispanos, até que as outras vagas migratórias contribuam para diversificar a população original. Além dessas questões, as partes intermediárias entre uma e outra narrativa da história principal possuem características do gênero lírico, como: subjetividade; brevidade; redundância; construção paratática; antidiscursividade e desvio da norma gramatical.

O ponto de vista adotado pelo narrador é por vezes interno e, por outras, exterior às personagens, nas modalidades de narrador onisciente e observador neutro, permitindo que as mesmas se manifestem através da reprodução fiel de suas falas e cartas. Segundo

Uspenski (1973), o itálico dos textos enfatiza que o narrador tomou de empréstimo o discurso do outro. Essas variações do discurso revelam, assim, diversas mundivisões, apresentando vozes ideológicas não subordinadas a uma perspectiva hegemônica.

Referências

GONZALEZ, Didier. L'espace de "O continente". Porto: Nova Renascença, n.57-58, p.365-382, Primavera/Verão 1995.

USPENSKI, Boris. *A poetics of composition*. Los Angeles: University of California Press, 1973.

VERISSIMO, Erico. O continente. In: _____. *O tempo e o vento*. Porto Alegre: Globo, 1974. 2 v.

ZILBERMAN, Regina. O tempo e o vento, história, mito e literatura. *Letras de hoje*, Porto Alegre, n. 65, p. 63-89, set. 1986.